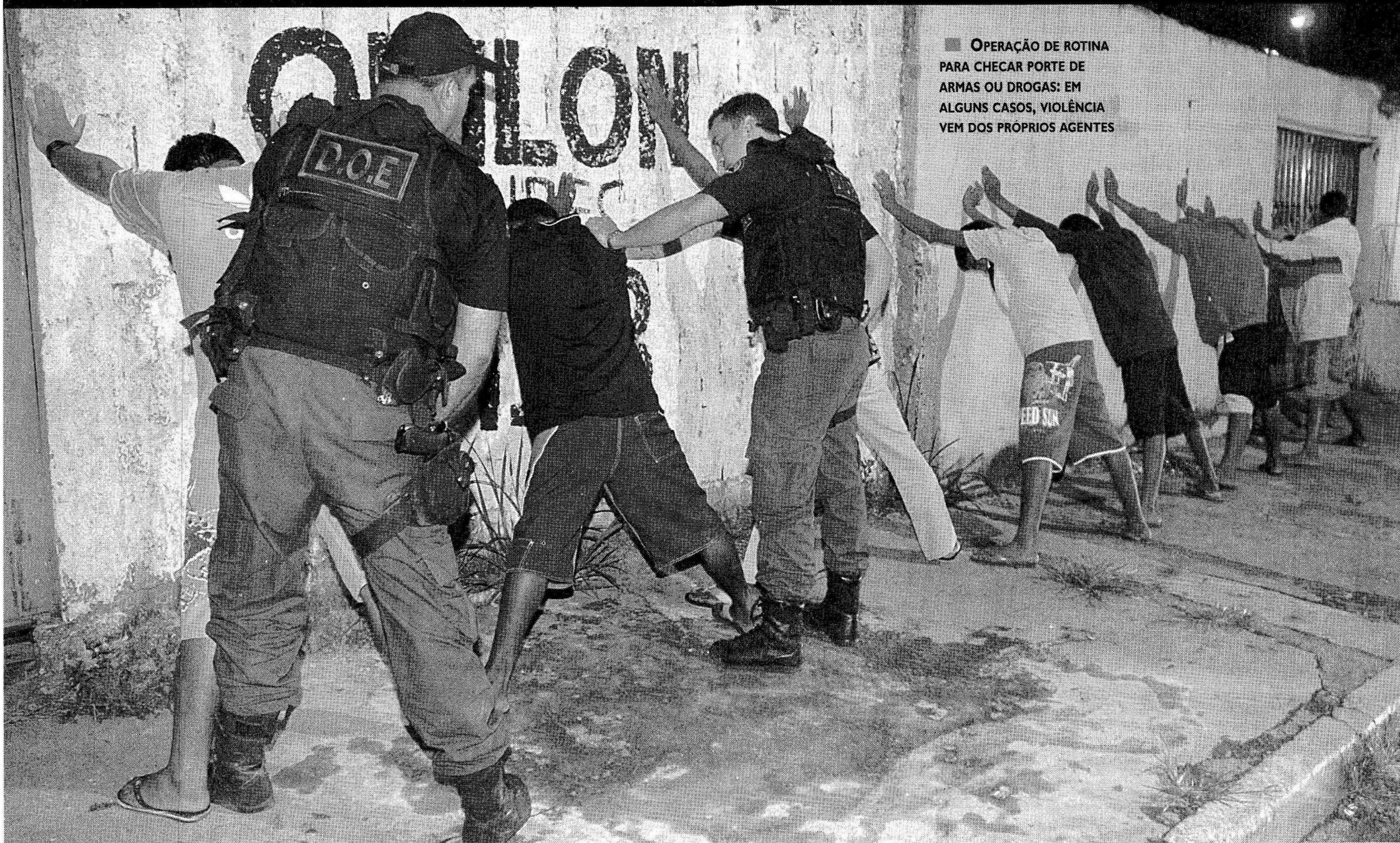


Abordagem perigosa



■ OPERAÇÃO DE ROTINA
PARA CHECAR PORTE DE
ARMAS OU DROGAS: EM
ALGUNS CASOS, VIOLÊNCIA
VEM DOS PRÓPRIOS AGENTES

DAVI ZOCOLI

Malu Pires

Mais de 60% dos processos envolvendo agressão, abuso de autoridade ou homicídio de autoria de policiais têm origem em ações no momento da abordagem. A informação da Promotoria Militar é confirmada pelo chefe de Operações e Planejamento da PM, tenente-coronel Suamy Santana da Silva. Segundo ele, a abordagem é um dos momentos mais perigosos na vida do policial. "A tensão é real", ressalta, acentuando que, de 2002 até a primeira quinzena de janeiro, nove policiais militares foram assassinados no DF quando faziam abordagens.

"Mesmo bem treinado, qualquer erro de avaliação nesta hora pode ser trágico", assinala Silva. "Neste momento, não sabemos quem estamos abordando, qual a sua intenção, o que pode acontecer. Evidentemente a tensão e o perigo fazem parte da nossa profissão e não justificam os erros e abusos. O que nós temos trabalhado é para que os policiais estejam cada vez mais capacitados a enfrentar qualquer situação".

Há 11 anos lidando com processos que envolvem policiais militares e encaminhando à Justiça Comum os casos relativos a policiais civis, o chefe da Promotoria Militar, Nísio Tostes, promoveu cursos na Academia de Polícia Militar e é lá que ele ensina: a agressividade do policial é consequência da agressividade da própria sociedade, assim como o conjunto de valores e preconceitos do policial. Este quadro, entretanto, não justifica qualquer tipo de abuso contra quem quer que seja, reforça o promotor.

"O preconceito econômico é real", diz. "O de cor e sexo eu não tenho conhecimento. Pela minha experiência, um dos grandes desafios das polícias Civil e Militar é ser firme e justa tanto com pobres quanto com remediados e ricos. O que se vê, geralmente, é que a abordagem em um bar de Samambaia é oposta à realizada no Lago Norte".

Ele vai além: "Ser forte com os fracos e fraco com os fortes é um vício comum. Mas desde

1988, com a promulgação da Constituição Cidadã, a sociedade tem trabalhado por mudar seus valores, e, em consequência, os dos policiais, agentes de polícia, delegados etc. Este processo, entretanto, é lento e, enquanto não se completa, o policial caminha no fio da navalha. Um deslize e ele fica entre a omissão (geralmente com os ricos) ou o homicídio (na maioria com os pobres)".

Os arquivos da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa atestam esta realidade. Em 2006 foram registradas 35 denúncias contra policiais civis e militares, a maioria por abuso de autoridade e maus-tratos. Do total, 71,4% envolvem jovens e moradores de fora do Plano Piloto.

■ Agressão

Uma das ocorrências registradas conta que em 29 de abril de 2006, por volta da meia-noite, no Acampamento Pacheco Fernandes, em Vila Planalto, uma blitz na área resultou em conflito. D. J. N., 22 anos, estacionou o carro em frente ao Bar Careca e se dirigiu à sua residência. Um policial militar o seguiu e pediu que encostasse no muro da sua casa para ser revistado. Ele questionou. A resistência deu início a uma série de agressões contra D., sua irmã e uma amiga. Além de ouvir xingamentos e desaforos, o trio sofreu escoriações variadas causadas por pontapés, socos, tapas no rosto e queimaduras por spray de pimenta.

O medo dos envolvidos ainda é grande, mas não menor do que o da família de R. D. S., 24 anos. Em maio do ano passado, às 5h, ela teve sua casa em Santa Maria invadida por uma equipe de policiais civis. Armados, usando toucas e bonés, eles arrombaram a porta perguntando por "Argemiro".

Pânico total. Choro convulso das crianças, uma de sete anos, outra de seis e da filha da vizinha, 14 anos. R. D. S. teve a casa revistada e só depois que mostrou uma conta de luz com o nome do marido é que os homens foram embora, sem ao menos um pedido de desculpas pelos transtornos.